



Vivendo o sonho...

Mateus de Pina Nascimento,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

Entre em um grupo de extensão, estude francês, faça intercâmbio, trabalhe, junte dinheiro, escolha uma modalidade, faça iniciação científica, não saia do CEPE, faça parte de uma entidade, tire boas notas, passe de P2, vá nos rolês, aproveite a Poli, aproveite a Poli, aproveite a Poli...

Acorde cedo, tenha disciplina, malhe, faça yoga, comece o dia com o pé direito, não chegue atrasado — e muito menos emburrado —, vá na aula, preste atenção, leia as notas do professor, leia a bibliografia da disciplina, leia o material complementar, faça a lista, estude, exercite, aprenda, ensine, descanse, durma... durma?! Estude pela lista, estude pelo fuja, estude pelo fuja online, estude pela prova antiga, estude pelo seu caderno, estude pelo resumo que o seu amigo te mandou (calma, falta pouco), estude no ônibus, estude no metrô, estude no trem, estude no circular, estude no bandeirão,

estude no final de semana, estude no feriado, estude entre uma prova e outra, estude até depois da prova — aprenda com seus erros e acredite piamente que “na próxima vez, tudo será mais organizado!”. Ufa! Férias! Faça a matrícula, monte a grade (não vá economizar nos créditos ou vão te deixar para trás!), já comece a planejar o próximo semestre...

Seja gentil, encontre amigos do passado, arrume uma namorada, dê atenção à sua família, seja legal nas redes sociais, se defina pelo seu MBTI, aprenda a nova dancinha do TikTok, reclame do clima, leia o horóscopo do dia, agrade a sua bolha, cuide do meio ambiente, se preocupe com pautas sociais, discuta política, seja engajado, conheça a USP, faça amigos de outros institutos, pegue disciplinas por aí, tenha hobbies, fuja da rotina, estude arte, seja culto, vá em exposições, vá em concertos, vá em museus, vá em shows, vá em teatros, vá em musicais, vá em amostras, vá em orquestras, vá em festivais...

Seja bom aluno, bom cidadão, bom amigo, bom namorado, bom filho, bom irmão, bem-sucedido. Bem-sucedido em que sentido? Seja querido! Querido pelos veteranos, pelos bixos, pelos colegas, pelo seu centrinho, pelo Grêmio, pela Atlético, pelos monitores, pelos funcionários, pelos professores... crie um *network*, atualize o *LinkedIn*, se forme em cinco anos (como assim você ainda não escolheu seu módulo vermelho??), faça estágio, ganhe experiência, aprimore seu currículo, vá em palestras, vá em *workshops*, vá em *hackathons*, vá em feirinhas, faça cursos, faça treinamentos, escolha bem suas optativas — não vá pelo caminho mais fácil, mostre que você é capaz! —, se especialize, entre em outro grupo de extensão, estude mais um idioma (só para garantir), aprenda a trabalhar em grupo, seja um líder, tenha um *mindset* vencedor e se acostume a sair da zona de conforto!

E o principal: seja feliz!!!

Ou ao menos tenha a decência de aparentar ser.

Afinal, quantos não dariam de tudo para viver esse sonho no seu lugar?

FOTO: MARCOS SANTOS/USP IMAGENS

Você tem medo?

Lembro até hoje da primeira frase que escutei quando entrei na Poli. Após acordar atrasado para meu primeiro dia da semana de recepção online, entrei no Zoom e me deparei com algum professor parabenizando os novos ingressantes pela aprovação. De supetão me senti feliz, como qualquer um se sentiria. A aprovação na Escola Politécnica era um motivo de comemoração.

POLI/PÁGS. 6 e 7

O Politécnico viu: Brilho eterno de uma mente sem lembranças

DIVULGAÇÃO/UNIVERSAL STUDIOS



Joel (Jim Carrey) descobre que sua ex-namorada, Clementine (Kate Winslet), contratou os serviços da inovadora empresa *Lacuna Inc.* para ter todas as lembranças do relacionamento entre os dois deletadas para sempre. Desiludido, ele decide fazer o mesmo; entretanto, durante o procedimento, Joel muda de ideia e se vê preso em sua própria mente — desesperado para manter viva a memória de sua amada.

ARTE E CULTURA/PÁGS. 12 e 13

O Politécnico optou: Análise de optativas

A graduação pode parecer um labirinto. Mais difícil decifrar os caminhos do que, de fato, trilhá-los. Entre um emaranhado de opções, extensões, anseios e obrigações, nem sempre é fácil fazer as mais simples escolhas, sendo natural se sentir perdido. Mas, para sua sorte, *O Politécnico Optou* está de volta para te ajudar nessa jornada!

Nesta edição...
Álcool, Saúde e Sociedade (PRG0011);

Metodologia Científica e Tecnológica (PCC3110);

Biblioteca com Função Educativa: a Criança e o Jovem (CBD0277);

Introdução à Análise Real (MAP0216);

Vibrações Mecânicas (PMI3925);

Literaturas Africanas de Língua Portuguesa III (FLC0489);

Refino de Petróleo (PMI3916);

Ambiente e Sustentabilidade de Alimentação (HSA0126);

Metodologia Científica e Tecnológica (PCC3110);

Tópicos de Pesquisa nas Ciências Contemporâneas (PRG0006).

Aproveite para deixar suas sugestões de disciplinas e para participar da quarta edição do *O Politécnico Optou!*

Vale lembrar que a 1ª interação de matrícula vai de 4 a 11 de julho!

ACADÊMICO/PÁGS. 8 e 9

O que são AACs e como elas influenciarão a sua graduação?

As Atividades Acadêmicas Complementares são atividades extracurriculares que, para alguns (como será explicado adiante), contarão como créditos obrigatórios, compondo os créditos totais do curso.

ACADÊMICO/PÁG. 7





O POLITÉCNICO

São Paulo, julho de 2022 — Ano LXXIX — Edição 02

Editores-chefes: Mateus Pina e Rafael Varanda

Equipe Editorial: Arthur Belvel, Beatriz Bicudo, Beatriz Machado, Beatriz Gaya, Bruno Pereira, Carolina Mendes, Felipe Beserra, Fernanda Yuri, Henrique Uva, Laura Carmieletto, Leticia Kimoto, Luca Paniago, Luiz Melo, Luiz Piffer, Matheus Souza, Murilo Azevedo, Murilo Noronha, Pedro de Andrade, Rebeca Rodrigues, Roberto Ortega, Samira Paulino, Veronica Duval, Verônica Emerick e Yasmin Ramos

Diagramação: Mateus Pina

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores, e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação.

REUNIÕES

Quando? Às quartas-feiras!

A que horas? 11h15min

Onde? No Grêmio!

CONTATO



fb.com/jornalpolitecnico



@jornalpolitecnico

ENVIE SEU TEXTO

jornal.gremiopolitecnico.com.br/envie-seu-texto
Ou nos entregue pessoalmente no Grêmio!

Editorial

Melancolia?

Chegamos, enfim, à segunda edição de 2022 d'O Politécnico!

Neste primeiro semestre, os esforços do jornal foram todos voltados ao retorno presencial, à transição do modelo digital ao híbrido, enquanto nós mesmos, membros da equipe editorial, tentávamos nos adaptar aos novos desafios que o começo de ano nos proporcionou.

Talvez o principal estranhamento do leitor desavisado seja a disparidade de tom em relação à impressão entregue em março. Não diria pessimista, tampouco realista... Seria "crua" a palavra correta?

Após um início alegre, receptivo, sonhador e encatado — pas-

sando por uma edição (supostamente) cômica, comemorativa do dia da mentira —, o jornal retoma as suas impressões mais calejado, com textos mais sóbrios e comedidos.

Essa mudança, embora involuntária, de forma alguma surpreende, tratando-se apenas de um reflexo da realidade na qual todos nós, politécnicos, estamos inseridos.

Seja pelos traumas causados pelas semanas de provas, seja pela constante exaustão individual e, inevitavelmente, coletiva, fato é que boa parte dos textos aqui contidos transmitem essa sensação de cansaço, talvez inimaginável em outros tempos, tempos em que idealizávamos como seria, enfim, viver este sonho...

Afinal, você tem medo?

Porque eu tenho. Vários. Tenho medo de não ser o cavaleiro que queria ser quando menino. Tenho medo de me sentir para sempre longe de casa. Tenho medo de ler as notícias no jornal...

Deve haver, sim, espaço para dúvidas, inseguranças e frustrações. É preciso abandonar a utópica pose de super-politécnico e aceitar que o fracasso inevitavelmente faz parte do dia a dia da "Escola dos Homens Tristes".

Seria, então, possível passarmos por esse turbilhão intactos? Ou, então, desejável?

Note que essa, de forma alguma, é uma desistência, uma forma d'O Politécnico jogar a toalha. Muito pelo contrário! Apesar do aparente amargor, o jornal há tempos não esteve tão vivo.

E talvez o principal mérito d'O

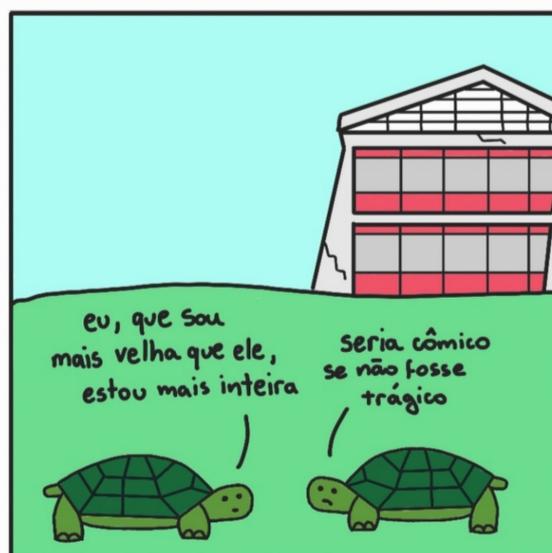
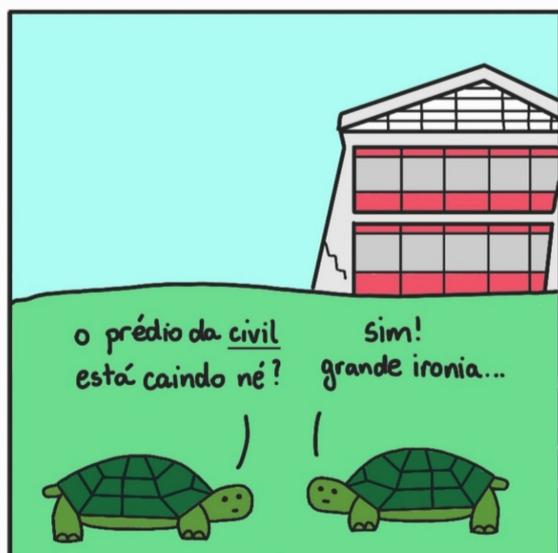
Politécnico nesta primeira metade de 2022 não tenha sido suas publicações, a retomada das Cafezadas ou seu alcance nas redes sociais, mas sua própria equipe, que, tanto em quantidade quanto em qualidade vem cumprindo de maneira exemplar a função principal do projeto: ser um espaço de discussão e de criação aberto, acolhedor e receptivo.

Visceralmente imersos à realidade politécnica, não nos restou alternativa senão abraçá-la novamente, não mais com a ingênua alegria de outrora, mas com a compreensão do momento em que estamos inseridos.

A exploração dos nossos próprios labirintos internos é vital para que sejamos capazes de passar por momentos nebulosos, como esse.

Politreco

TARTARUGAS DA CIVIL



O menino que queria ser cavaleiro

Murilo Ferreira Noronha,
Engenharia de Produção, 2º ano.

Hugo da Forja tomou um cálice de vinho, envelhecido. O doce da uva contrastava com o salgado da lágrima. Estava tão cansado. No conforto do seu aposento, suspirava enquanto olhava a janela que dava vista à uma bela parte de seu feudo. O dia estava chuvoso, frio e calmo. Por que, dentro do salão mais confortável de seu castelo, protegido da chuva e com um cálice que muitos do seu reino sequer sonhariam em comprar um dia, Hugo chorava? Não estava vivendo o seu sonho de infância?

O nobre cavaleiro chorava porque estava exausto. Do que, se nem precisou levantar sua espada hoje? Eram as últimas expedições não bem sucedidas? As batalhas com maus resultados? A ferida adquirida na semana passada? Ou ainda o fato de ser apenas um cavaleiro menor dentro do reino, desconhecido pela rainha que tanto admirava?

Ao se levantar de sua poltrona e ir para a janela, por um momento o melancólico esqueceu de parte de seus problemas, enquanto observava o cair das gotas. Hugo levantou um breve

sorriso ao lembrar um dia com clima semelhante na sua infância, quando era apenas o filho do ferreiro, sem grandes obrigações senão viver. Ah, o quanto aquele jovem Hugo sonhava! Que garoto inquieto, que lutava por suas conquistas ainda pequeno, treinando com espadas pesadas e quase maiores que ele... aquele Hugo era feliz. Nada derrotava aquele menino. Seu sonho era se tornar um nobre cavaleiro, um paladino, e sua teimosia fez com que escolhesse o caminho mais difícil. Do treinamento mais pesado, com as aventuras mais perigosas, o pequeno parecia sempre disposto. Nunca parou, nem mesmo quando devia. Enfrentava tudo com um sorriso, pensando no dia que teria seu título concedido.

Mas, essa imagem romântica é real? Será que o herói na sua memória de fato existiu? Não houve algum momento em que o filho da forja quis parar? Dos rivais que enfrentou, nenhum pareceu grande até demais? Nunca teve pensamentos sombrios, desejando voltar atrás? Nunca chorou ao se dar conta de que seu sonho parecia inalcançável? E se, na verdade, a jornada de Hugo sempre seguiu um ritmo, e agora apenas parece

REPRODUÇÃO/BIOWARE & ELECTRONIC ARTS



Protagonista customizável do Dragon Age Inquisition.

estar impressionantemente difícil? O que será que o garoto fazia para ignorar o tamanho de seus desafios? Ele de fato ignorava, ou aprendeu a conviver com o peso de sua jornada heróica? Se essa última é verdadeira, como retomar essa habilidade? Esse poder foi perdido no meio do caminho?

Muitas foram as perguntas que surgiram em sua cabeça, uma após a outra, de forma que o cavaleiro se percebeu assombrado por sua própria consciência. Agora já era tarde demais para apenas observar a natureza em paz. Na verdade, há muito tempo isso não acontecia.

Será que algum dia sua vida será mais fácil? Ou a dificuldade está a crescer muito mais? Desistir de seu título e se jogar nas

terras sombrias que circundam o feudo é uma opção? Se, em sua infância, tivesse recebido a visita do vidente do vilarejo, e contemplasse uma visão revelando todas as dificuldades que chegariam em seu destino, o pequeno espadachim teria desistido de sua aspiração? Será que também lhe seria revelada uma vida feliz, com a superação de seus novos desafios? Quando essa chuva cessará? Por que, de repente, sua nova vida, diferente de tudo que até então havia passado, se assemelha aos momentos de sua infância e adolescência?

O mundo parece maior a cada ano que passa, cada vez é mais complexo do que o pequeno reino em que viveu até ser nomeado como Sir. É estranho imaginar que após tantos anos de experiência e conhecimento o nobre parece pequeno, fraco demais para os ataques de espada que o atingem. Apesar de seus treinos e suas aventuras, parece que não foram suficientes. Após tanto tempo, Hugo não parece sequer conseguir segurar um escudo. Seria isso um bizarro treinamento, dessa vez sem a segurança de ser atingido por madeira, mas sim pelo frio e fino aço? E, como todo o treinamento que já passou, também nesse o nobre descobrirá como passá-lo?

Hugo decide lavar o rosto, encara um espelho polido, e enxerga um garoto meigo. O nobre então percebe que, após tanto tempo, tanto sangue e suor, debaixo de suas vestes e seus pelos faciais ainda havia o menino que queria se tornar cavaleiro.

REPRODUÇÃO/LUCAS STANIEC



Arte conceitual de um cavaleiro medieval cansado em meio à neblina da floresta.

Sobre o aborto e a interseccionalidade

A Manu

Laura Carmieletto Saran,
Engenharia Química, 2º ano.

Há pouco tempo, na primeira semana de maio, ergueu-se dos Estados Unidos uma discussão fervorosa. Pautada simultaneamente pelo terror de quem vê arrancados seus direitos, o ardor religioso de uma aguardada imposição moral e as técnicas considerações jurídicas a que os dois primeiros não se encontravam em posição de se atentar, ela tratava do vazamento de um documento que anunciava a possível revogação da garantia da liberdade abortiva.

O quanto já não se descreveram círculos no debate desse tópico? A bem da verdade, há muito se tornou mera polêmica (o elemento mais reles da discussão pública, desprovido de qualquer valor construtivo).

Por isso, de pronto resume-se tudo aquilo que já é lugar-comum: abortos clandestinos são frequentes e apresentam alto risco à saúde da mulher; a descriminalização, uma vez que prescreve também acompanhamento de saúde mais amplo, pode diminuir o número de abortos efetivamente realizados (vide o caso de Portugal); ninguém tem o dever legal de salvar uma vida se isso coloca a sua própria em risco; o Estado da esmagadora maioria dos países ocidentais se pretende laico. Evita-se aqui a disputa filosófica pendular da natureza do feto — pouco importa ante aos aspectos práticos apresentados.

Da mesma forma, de acordo com o mesmo propósito utilitarista, não de ficar de lado os dissensos jurídicos, que não deixam de ter seu lugar em outros espaços — há maiores ur-

gências do que a ética do vazamento de uma declaração ou o papel legislativo de tribunais. Adiante, então, estando estabelecido o básico.

Um dos aspectos mais perplexantes da ameaça apresentada pelo documento, é, sem dúvida, o revogar de direitos. Soa, de fato, curioso ao ouvido democrático. Tudo, porém, explica-se: a descriminalização do aborto nos Estados Unidos foi determinada pela Suprema Corte na decisão *Roe v. Wade*, de 1973. E qual não foi o parecer vazado senão uma votação preliminar que previa a invalidação dessa decisão? A mudança vem seguida, é claro, do mandato de Donald Trump, que indicou à Corte três dos seus atuais nove integrantes (tendo os republicanos Bush, pai e filho, indicado outros três).

A esse ponto surge a questão de extrema legitimidade: a que serviria a um brasileiro detalhar essas minúcias se nem sequer chegamos a ter o direito que os estadunidenses temem perder?

FOTO: MICHEL CAUSSE/GAMMA RAPHO

Não, a resposta não é um vago dizer sobre a Janela de Overton e o ilustre status que a América Latina possui de quintal dos Estados Unidos; convém manter em mente que não há nada tão ruim que não possa piorar para o restante da leitura.

Roe v. Wade goza de um certo reconhecimento pelo público geral. Tratando-se de *Obergefell v. Hodges*, entretanto, arrisca-se afirmar que o mesmo não se aplica; é importante saber que consiste em outra decisão da Suprema Corte norte-americana, desta vez tratando do reconhecimento e da regularização do casamento homoafetivo, datada de 2015. Talvez se deva sua relativa obscuridade ao simples fato de que ela possui um análogo mais antigo no Brasil, a decisão de 2013 do Supremo Tribunal Federal que determina, via jurisprudência, a emissão de certidões de casamento a casais do mesmo sexo por qualquer cartório do país.

Enfim se esclarece a sinistra necessidade de atentar-se aos ocorridos dos Estados Unidos: reportagens sobre a fragilidade de *Roe v. Wade* alertavam para a periclitância de *Obergefell v. Hodges*. Considerando a mimese — defasada em dois anos, como é praxe — da política brasileira em relação à estadunidense (à tragédia há de se seguir a farsa, afinal), há motivos para temer pelos já parcos direitos LGBT conquistados no Brasil. Pode-se resgatar a onda de casamentos homoafetivos oficializados entre a eleição do reacionário Jair Bolsonaro e sua posse, resultados do medo de que logo eles não fossem mais possíveis; e alertar que, apesar de ser o último ano de seu mandato, não se deve acreditar que o perigo acabou. Os indicados dessa gestão ao STF, Kassio Nunes Marques e André Mendonça, lá ficarão por longos anos.

A situação afinal ressalta a fundamental interseccionalidade dos movimentos sociais — se eles são comprometidos a um tempo pelos mesmos agentes, não há por que não se unirem em resistência.

À luta!



Protesto sobre o direito de aborto na França, em maio de 1973.

A Politécnica

Não sou menino. Não sou menina.

Verônica Rocha Duval,
Engenharia de Produção, 2º ano.

Desde menina, tinha ímpetos de liberdade. Oscilava entre a vida inercial maçante e lapsos de rebeldia na ânsia de ter algo cuja existência me chega a ser desconhecida. Hoje, sou mulher do meu tempo... Falo de meninos, falo de como meus pais me tratam diferente do meu irmão e dos discursos de depois da meia-noite, que ainda são frequentes embora eu já tenha mais de 20 anos. No fim, percebo que poderia ter 20, 18 ou 30, o peso sempre recairia no fator "é diferente, ele é menino". De fato, ele é menino, mas pasmem: não sou uma menina! Não sou mais uma menina desde o fatídico dia em que tive de virar mocinha.

A primeira vez em que sangrei, recorri apavorada à minha mãe que celebrou o que me causava espanto. Ela telefonou para todas as mulheres da família que me saudaram felizes de igual para igual, mas se despediam ao telefone fazendo um alerta polido com medo, afinal, agora eu correria novos riscos, "tome cuidado, mocinha".

A flor que alegavam ter desabrochado, não poderia ter cores muito vívidas, cheiro nas horas escuras, muitos espinhos senão nunca se aproximariam, nem ser isenta de espinhos senão a colheriam facilmente e em poucos dias murcharia esmaecida. A flor antes de abrir pensou, ponderou, desabrochar-se ou não, eis a questão. Mas o tempo é soberano e arbitra fazendo tudo acontecer. A flor

abriu-se e escancarada à luz do dia, teve de aprender a lidar com o medo que a regava. O medo...

O medo de no escuro andar sozinha na rua; o medo de estar com a roupa "errada", de mal interpretarem algo dito... um sorriso; medo de acontecer algo ruim e falarem "eu avisei, era perigoso você estar lá naquelas horas"; o medo de ter a culpa por algo que foge do meu controle ou escolha; o medo de me considerarem menos capaz, menos inteligente, medrosa; o medo de abrir o jornal e ter mais um caso de estupro noticiado, com a certeza de que há outros milhares subnotificados; o medo das opiniões tortas, veiculadas aos montes; o medo de saber que "tomar cuidado" nunca bastaria...

Desabrochada, mas quase murcha, ainda questiono-me quando teremos nosso lugar ao sol. Não me basto com pulsões de liberdade, embora seja tudo o que tenho agora. Talvez o que eu mais queira, seja apenas ser uma menina.

REPRODUÇÃO/LESLIE VAN STAVERN MILLAR



Girassol murcho.

Poli

Longe de casa

Bruno Pereira dos Santos,
Engenharia Civil, 1º ano.

Quando, no início do ano, eu planejava vir para este povoado desconhecido chamado São Paulo, já imaginava que não seria fácil estar tão longe de casa. No entanto, não houve dor fictícia que conseguisse prever a agonia que a realidade causaria: crises pré-P2, a saudade contínua, a pressão excruciante, a vontade de só voltar para casa...

Deixar para trás família, amigos, a calma da cidade pequena, tudo em nome da ambição pessoal, tem seu custo e eu ainda não sei até que ponto estou disposto a pagá-lo. Porém, felizmente, meu copo está mais do que meio cheio no momento e, por isso, decidi trazer meu relato dos primeiros três meses que pareceram um ano. Espero que sirva como conforto para algum outro "bixo" de São Paulo — de qualquer forma, já me serve como um desabafo.

A minha primeira crise aconteceu já na semana de recepção: finalmente conhecer meus futu-

ros colegas e (se tudo desse certo) amigos era empolgante, assim como também gerava um nervosismo avassalador. Esse medo, de não me encaixar nesse novo mundo, me travou. Afinal, o meu sonho era seguir na tranquilidade do meu ensino médio, com meus amigos numa cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, e não precisar me preocupar com mais nada — assim como todo sonho, não era real. No fim, nem se eu ficasse na minha cidade as coisas seriam assim. Meus amigos também foram para a faculdade, e o ensino médio acabou. Por mais que a gente não queira, a vida passa, e eu precisava segui-la. Doe, mas me trouxe uma força nova.

Por sorte, fiz parte do grupo privilegiado que não foi atropelado pela P1 e pela P2. Ainda assim, queria ter todo mundo aqui comigo, até para comemorar. Mas não. Os resultados chegaram e a semana seguiu; afinal, a pressão da Poli não pode parar! Dei meu jeito, comentei com minha família e amigos por videochamada mes-

mo e ter tido essa chance de compartilhar já melhorou meus dias. No fim, por mais longe que a gente esteja, a conversa a quilômetros de distância já resolve muita coisa e também serve como válvula de escape de quase toda a pressão.

Na semana pré-P2, tive minha última crise até agora: a insegurança de me sentir completamente desinteressante. A universidade está cheia de pessoas incríveis e eu não me sentia uma delas — vai ver era aquela história do jardim mais verde do vizinho. O problema é que, dessa vez, não era algo que eu quisesse compartilhar com quem estava longe. Eu não queria ninguém preocupado comigo. O que me restou (e acho que acabou sendo a escolha correta) foi desabafar com quem eu já tenho intimidade aqui. Todo mundo está lidando com problemas e vai entender que desabafar é fundamental, às vezes até se abrir mais. A Poli é uma nova casa, devemos nos sentir bem dentro dela; portanto, criar conexões é uma das melhores atitudes a se tomar.

Hoje, já estou muito mais confiante sobre minhas decisões, porém não tenho certeza do que o fu-

turo trará. E se vierem crises ainda piores? E se eu perceber que não é o que eu quero? E se eu me sentir sozinho demais? Estou com meu plano B guardado aqui comigo: dou meia-volta e começo tudo de novo. Somos jovens ainda, a maior parte dos bixos ainda tem menos de 21 anos, e não temos qualquer obrigação de chegar aos 25 graduados. Sendo bem sincero, não somos nem obrigados a nos graduarmos, mas entendo a pressão, os sonhos e a preocupação com a carreira profissional que nos levam a esse caminho.

Foram essas pequenas lições que fui aprendendo na minha curta estadia nesta terra desconhecida. A saudade em si não passou, mas me fez valorizar muito mais quem sempre esteve comigo e sei que, no curto espaço das férias, vou aproveitar como se fosse um ano todo a presença de todo mundo que me faz bem. Simultaneamente, também tento aproveitar essa nova vida que São Paulo nos traz para ter novas experiências, me dedicar a outros objetivos e *hobbies* e criar novos espaços de confiança assim como os que eu tinha em casa.

Plebiscito Geral Poli 2022

Leticia Miyuki Kimoto,
Engenharia Mecatrônica, 3º ano.

Recentemente, foi realizado o Plebiscito Geral Poli 2022, com intuito de consultar os alunos sobre a presença de Representantes Discentes de Centros Acadêmicos em Órgãos Centrais da Poli. Essa discussão teve início em 2018, quando os CAs começaram a exigir espaço nesses Órgãos que, até então, eram compostos exclusivamente por RDs indicados pela gestão do Grêmio. Assim, naquele mesmo ano, foi realizado um acordo entre as entidades do Diretório no qual os CAs poderiam indicar um membro para ser RD da Congregação ou Comissão de Graduação, desde que o Grêmio continuasse com 50%+1 de todas as cadeiras de cada órgão. No ano seguinte, foi decidido que em 2020 seria feito um plebiscito para definir a manutenção ou não desse regime, no entanto, por conta da pandemia da covid-19, optaram

por adiar a votação para quando a Poli voltasse a ter aulas presenciais, a fim de uma maior participação dos alunos.

Durante o período remoto, o Grupo de Trabalho de Representação Discente (GT de RDs) organizou o plebiscito, chegando no formato em que foi realizado. Os Órgãos Centrais que entraram na discussão foram a Comissão de Graduação (CG — na qual são tratadas as pautas acadêmicas), a Comissão do Ciclo Básico (CCB — que cuida das disciplinas do Biênio), a Comissão de Cultura e Extensão (CCEX — responsável pelas atividades de cultura e extensão da Escola), a Comissão de Biblioteca (CBiblio — que lida com as bibliotecas), o Conselho Técnico Administrativo (CTA — onde são tratadas as questões orçamentárias e de infraestrutura) e a Congregação (a instância máxima de decisão da Poli). A partir disso, as entidades da Poli se posicionaram, formando dois grupos: de um lado, CAEA,

CAEP, CAM, CEC, CEE, CEN e CMR eram a favor de que os Centros Acadêmicos pudessem pleitear cadeiras em todos os órgãos centrais, por quererem mais transparência e participação nos assuntos tratados nesses órgãos, além de estarem em contato mais próximo com as especificidades de cada curso; do outro, AEQ e Grêmio eram contra, uma vez que prezavam pela eleição direta de RDs e atrelada às do Grêmio, porém acreditavam que a Congregação seria o único órgão em que poderia ter CAs, pelo maior número de vagas.

Tendo tudo isso em vista, na terça-feira (21 de junho), às 17h, foi realizada uma Assembleia Geral Extraordinária na Sharewood, na qual foi apresentado o histórico do GT de RDs e os posicionamentos das entidades envolvidas. Nela, também foi possível ouvir a opinião de alunos, além de formar a comissão elaboradora de perguntas do Plebiscito, as quais acabaram ficando bem similares

às pensadas pelo GT de RDs (uma pergunta individual para cada órgão, questionando a possibilidade dos CAs pleitearem cadeiras naquele em específico).

Nos três dias subsequentes, foi realizada a consulta, por meio de uma votação presencial, tirando alguns casos de exceção como alunos em intercâmbio e do quadrimestral da química, os quais puderam votar online (estes porque tiveram suas aulas presenciais suspensas devido ao aumento de casos de covid no curso). Na sexta-feira à noite, iniciou-se a audição dos votos, a qual só foi encerrada às 16h do dia seguinte.

Como resultado, foi certificado que os CAs podem pleitear cadeiras em todos os Órgãos que estavam em discussão. Um fato importantíssimo a ser ressaltado é a alta participação dos alunos nessa votação: foram, no total, 1321 participantes, o que indica um bom engajamento dos estudantes nesse tema tão importante que é a representação discente, ainda que seja a primeira consulta presencial após anos de ensino online.

Você tem medo?

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

Lembro até hoje da primeira frase que escutei quando entrei na Poli.

Após acordar atrasado para meu primeiro dia da semana de recepção online, entrei no Zoom e me deparei com algum professor parabenizando os novos ingressantes pela aprovação. De repente me senti feliz, como qualquer um se sentiria. A aprovação na Escola Politécnica era um motivo de comemoração.

Contudo, logo em seguida, algo naquela mensagem me despertou a atenção: o tom desconfortável ao qual ele levava a fala. De certa forma, parecia que apresentava uma forte resistência com aquelas congratulações. Exagerando um pouco, poderia até parecer que elas faziam parte de um roteiro, um recado artificial, uma formalidade. Mas, foi depois dessas palavras forçadas que ele disse uma frase verda-

deira (e com muito prazer), na realidade, soou como se tudo que internamente ele quisesse dizer fosse aquilo. Quase em êxtase, exclamou com vontade: “Entrar na Poli é difícil, mas sair da Poli é mais difícil ainda!”.

Com a mente de bixo inocente, na hora não entendi o peso daquelas palavras, ou pior, a entonação com que eram ditas. Era doce a época em que todos os problemas da Poli ainda pareciam ínfimos com a conquista que tínhamos acabado de alcançar, quando sentíamos o valor e o orgulho de estudar na maior escola de engenharia da América Latina. Tempos inocentes no qual ainda não tínhamos medo da Poli.

Repensemos o nosso trajeto, a nossa história. Primeiro passamos no vestibular (ou na transferência), conquista que com certeza não foi fácil. Abriu-se mão de muita coisa para enfim chegarmos aqui. Depois da aprovação, recebemos os parabéns e temos

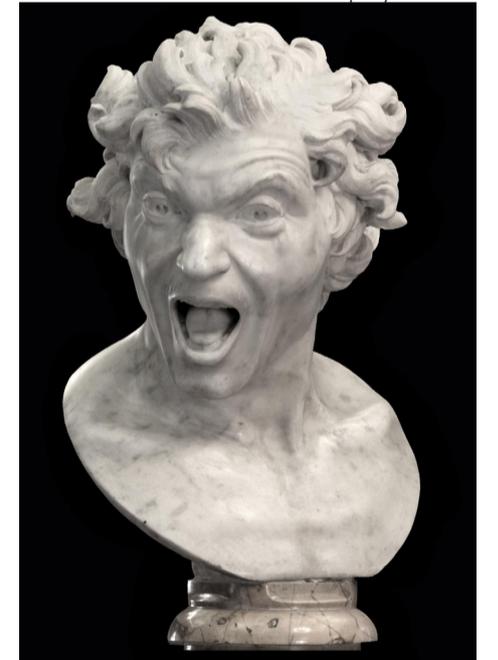
o primeiro choque: os alertas por parte dos professores.

Por alguma razão, exaltar a dificuldade da Escola parece muito mais interessante do que falar sobre o seu impacto, seu caráter cosmopolitano ou até mesmo sua incrível história. Nisso, entra a fala do início: “Entrar na Poli é difícil, mas sair da Poli é mais difícil ainda”. De onde surge essa necessidade de dar medo aos alunos, assustarem aqueles que mais sonham em realmente mudar o mundo como engenheiros? Um aluno assustado funciona melhor na didática de sala de aula?

Logo em seguida, vem o próximo impacto: o folclore dos veteranos. São inúmeras as histórias que são contadas para assustar seus bixos: “Depois da semana de P1 a fila do bandeirão esvaíza”, “Você precisa se referir aos professores como senhor”, “Tal disciplina tem 60% de índice de reprovação”, “Seu curso é o mais difícil da Poli”...

Aterrorizar os ingressantes com essas lendas e causos bizarros é também um extremo contri-

REPRODUÇÃO/BERNINI



Autorretrato como alma condenada (1619), de Gian Lorenzo Bernini.

buinte para criar esse ambiente de medo. O curioso é que ninguém sabe exatamente o porquê de isso ser feito. Todos já sofreram com isso, e mesmo assim a tradição continua sendo passada adiante, de novo e de novo...

E com isso, leitor, te questiono: você tem (ou já teve) medo da Poli? Talvez medo não seja a palavra perfeita para descrever



a emoção, mas com certeza você já sentiu uma angústia, uma dor no peito ou até um receio ao pensar nos seus futuros empecilhos. A Poli é um desafio, sem dúvidas, mas será que a forma com que isso é tratado não é tóxica para a convivência nesse ambiente? Professores que falam que você deve escolher entre o sono e a vida social, veteranos aterrorizando com histórias de calamidades acadêmicas e até a competição eterna para descobrir quem está com mais problemas: em que cenário isso seria minimamente positivo para a comunidade politécnica?

Te pergunto novamente leitor: você gosta da Poli?

Não me refiro aos seus amigos, grupo de extensão ou centro acadêmico, estou falando sobre a Escola Politécnica em si, ou seja, seus professores, aulas e até provas. Uma pergunta melhor seria: você gosta de vir à Poli? Se sim, qual a razão? Tenho a impressão que o que ancora os alunos à Poli é a simples convivência em grupos ou centros (quando não se restringe exclusivamente a razões profissionais).

Em que ponto deixou-se criar uma cultura tão tóxica, que esmaga os sonhos daqueles que almejam fazer a diferença? E por que insistimos em perpetuá-la, sendo que temos consciência do quão

avassaladora ela pode ser? Quantos alunos devem ter desistido do curso por medo, sem se quer dar uma segunda chance depois de um primeiro impacto? Pior que isso: quantas noites de sono foram arrancadas dos alunos devido a essa cultura?

A Poli vem mudando de perfil nos últimos anos. Por que não aproveitar o embalo e também mudar o pensamento dos politécnicos e, principalmente, a maneira que tratamos com os ingressantes?

As coisas são mais simples do que parecem. Não é como se as histórias emblemáticas precisassem parar de serem contadas,

basta mudar o tom para algo menos fatalista e pessimista. Você pode contar para o seu bixo sobre quando Física II teve 50% de reprovação, mas reafirme para ele que tudo vai dar certo (e que está tudo bem caso não dê).

Assustar os seus calouros com suas experiências (ou dos seus antepassados) não te torna melhor por já ter passado por aquilo. Talvez o ponto central para a percepção do problema seja facilitado quando se toma consciência de que quem te escuta também é uma pessoa. E, assim como você, ela sente angústia, ansiedade, tristeza e, quando aterrorizada, medo.

Acadêmico

O que são as AACs e como elas vão influenciar a sua graduação?

Carolina Mendes Esposito,
Engenharia Civil, 3º ano.

As AACs (Atividades Acadêmicas Complementares) são atividades extracurriculares que os alunos realizam por fora de sua grade curricular e, para alguns (como será explicado adiante), contarão como créditos obrigatórios, compondo os créditos totais do curso. Essas atividades são divididas em três tipos: Atividade Acadêmica Complementar de Graduação (AACG); Atividade Acadêmica Complementar de Pesquisa (AAPq); Atividade Acadêmica Complementar de Cultura e Extensão (AACCE).

As atividades que são consideradas AACs precisam promover o desenvolvimento de algumas competências como: trabalho em equipe, criatividade, capacidade de inovação, empreendedorismo, comunicação, entre muitas outras. Assim, alguns exemplos de AACs são: iniciação científica, monitoria, participação em grupo de extensão, entidades acadêmicas e coletivos, representação discente e de classe e participação em esportes/campeonatos.

Depois disso tudo você deve estar se perguntando: se tudo

isso já foi definido, por que eu ainda não posso cadastrar minhas atividades como créditos? Isso acontece porque a definição de AAC já foi batida, mas a forma de implementação ainda está pendente. Formado por professores e alunos da Comissão de Graduação e Comissão de Cultura e Extensão, foi criado, em 2021, um Grupo de Trabalho de Atividades Acadêmicas Complementares (GT de AACs), que, além de definir o que são as AACs, também fez um levantamento de como se dá o funcionamento dessas em outros institutos da USP.

Com o retorno das aulas em 2022, o GT deu continuidade à pauta e levantou tópicos que não haviam sido questionados anteriormente, como:

1) A quantificação dos créditos: qual carga mínima o aluno precisa realizar de determinada atividade para que se considere que ele desenvolveu as competências já apresentadas? Esses créditos serão pontuais, semestrais ou por quantidade de horas mínimas dedicadas? Um crédito de AAC será equivalente a quantos créditos-aula e créditos-trabalho?

2) A validação dos créditos: na hora de solicitar que a atividade entre no seu histórico, o aluno deve apresentar um relatório (como é feito no estágio), um certificado ou nada? Além disso, no caso de projetos sem vínculo direto com a Poli, como ocorre com os grupos de extensão, entidades acadêmicas e coletivos, que são organizados por alunos, quem fica responsável por verificar quais alunos estão realmente desenvolvendo as competências?

No final de maio, o GT de AACs organizou uma reunião aberta para apresentar aos alunos o que estava sendo discutido, além de coletar opiniões sobre os questionamentos apresentados, em especial dos grupos formados por alunos (entidades acadêmicas, coletivos e grupos de extensão). Foi um momento muito produtivo e com várias sugestões e preocupações trazidas por alunos — o que proporcionou um melhor encaminhamento das pendências para que a implementação dessas AACs seja aprovada pelos órgãos centrais e, finalmente, aplicadas para os alunos.

Respondido o que são as AACs e em que ponto da discussão es-

tamos para uma implementação efetiva dela ainda neste ano, partimos para como ela influenciará na sua vida. Se você é ingressante em 2022, em sua estrutura curricular, é exigido que você curse no mínimo 2 e no máximo 12 créditos de atividades complementares obrigatórias para obter o diploma. Para ingressantes de 2021 e anos anteriores, as AACs são opcionais e não contam como créditos necessários para formatura, elas atuam apenas como uma forma de oficializar atividades extracurriculares feitas durante a graduação, já que aparecerá no histórico escolar do aluno. Vale ressaltar que os créditos vão funcionar da mesma forma para todas as engenharias, dado que está sendo discutido na Comissão de Graduação, órgão que trata de assuntos da Escola Politécnica como um todo.

Para mais informações das definições da contabilização e validações dos créditos, além do andamento geral desse assunto substancial para os alunos de graduação e de diversos outros tópicos do âmbito da Escola Politécnica, acompanhe os informes dos órgãos colegiados, que são divulgados mensalmente pelo Grêmio, ou então entre em contato com os representantes discentes responsáveis pela pauta, se ainda restar alguma dúvida.

O Politécnico optou: Análise de optativas

A graduação às vezes pode parecer um labirinto. Mais difícil decifrar os caminhos para seguir até o fim do que, de fato, trilhar algum deles. Entre um emaranhado de opções, extensões, anseios e obrigações, nem sempre é fácil fazer as mais simples escolhas.

Com todas as decisões exigidas pela graduação, é natural se sentir confuso ou perdido. Mas, para sua sorte, *O Politécnico Optou* está de volta para te ajudar nessa jornada!

Escolher uma disciplina optativa pode ser uma interrogação gigante na mente exausta do politécnico. Uma matéria com uma proposta interessantíssima acaba por ser sufocante, enquanto uma que você sequer cogitaria se matricular vai ser um dos melhores momentos da sua semana. Para ajudar com isso, convidamos (por livre e espontânea pressão) alguns colegas dispostos a compartilhar suas experiências e alegrias (ou sofrimentos) com disciplinas optativas.

Você já pensou em fazer uma disciplina de literatura africana? O quanto o refino de petróleo pode te interessar? Análise real te assusta? Pesquisas e metodologia científica parecem ser sua praia? Então esse texto é para você!

Caso alguma disciplina sobre a qual você queira informações não esteja aqui, você pode ler as edições anteriores da coluna no site do jornal! Além disso, aproveite para deixar suas sugestões de disciplinas e para participar da quarta edição do *O Politécnico Optou*!

Vale lembrar que o período de primeira interação de matrícula para o segundo semestre vai do dia 4 ao dia 11 de julho!

REPRODUÇÃO/NASA

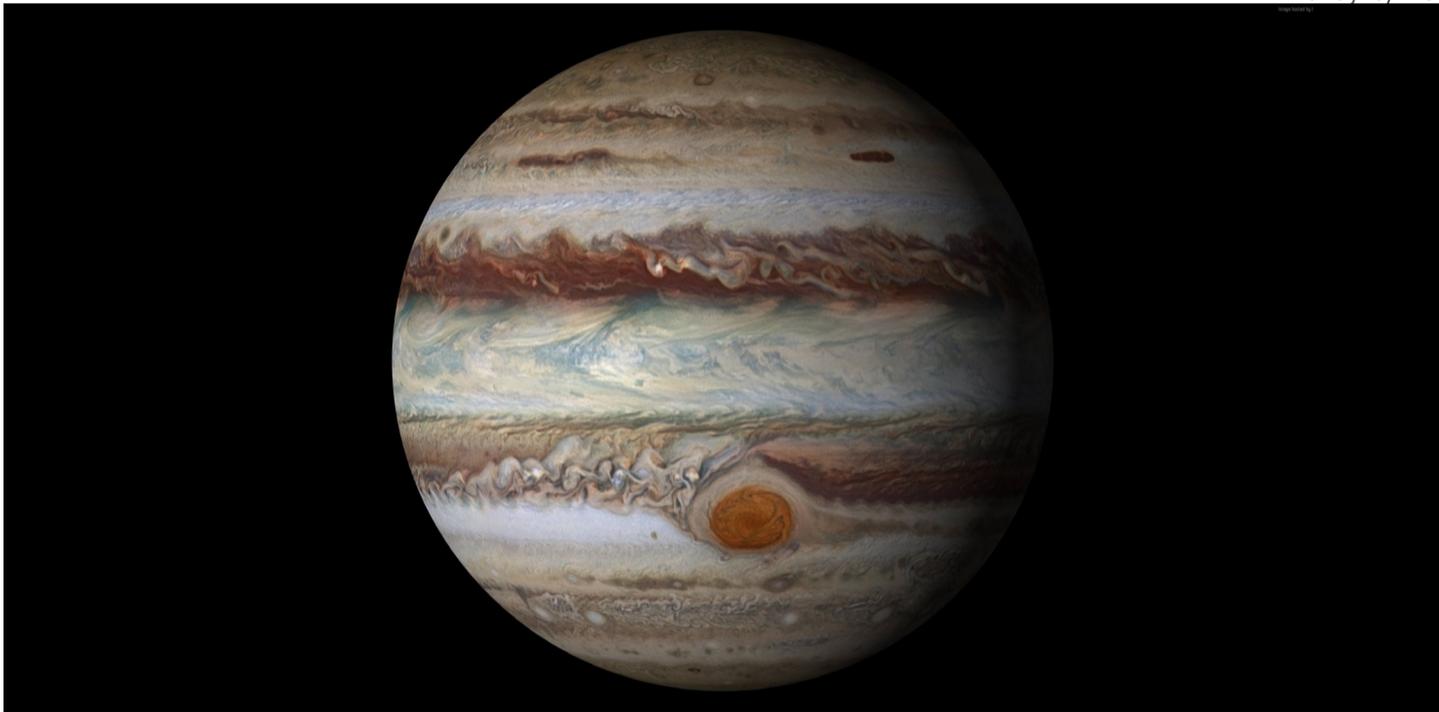


Imagem de Júpiter capturada pelo telescópio Hubble.

Metodologia Científica e Tecnológica (PCC3110)
(2 créditos-aula)

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

Cursei essa disciplina por recomendação dos meus veteranos, que me haviam feito propaganda positiva, elogiando o programa e a didática aplicada. Infelizmente, acabei sofrendo muito com o seu método avaliativo e com a quantidade de empenho que é necessário para absorver a matéria.

Explicando um pouco mais sobre a disciplina: nela, você aprende sobre os métodos aplicados para fazer pesquisa, quase como se fosse um auxílio para uma futura iniciação científica que você venha a fazer. O professor realmente é apaixonado pelo assunto, o que dá um ar muito positivo

às aulas, especialmente se você considera seguir carreira acadêmica ou fazer uma IC.

Contudo, a matéria exige uma dedicação tremenda, com pelo menos duas entregas por aula, o que acaba te sobrecarregando e muitas vezes tirando o gosto pelo aprendizado. As aulas frequentemente extrapolavam o limite de horário e o excesso de trabalhos em grupo acabava por provocar ansiedade antes de qualquer aula.

Em suma, é uma disciplina legal, mas somente se você tiver algum interesse pelo assunto (o que descobri não ser o meu caso). Além disso, não se engane pelo número de créditos no oferecimento, uma vez que a disciplina exige muito mais horas do que o descrito inicialmente.

Nota: 5,0

Samira Paulino dos Santos,
Engenharia de Materiais, 3º ano.

Fiz essa matéria em meu ano de bixete, em uma época turbulenta. Ela exige bastante de você, com entregas semanais e um trabalho pesado para a nota, mas ela entrega tudo o que exige.

Como foi dito, o professor ensina com paixão (alguns de vocês provavelmente o conhecem de PCC3100 — a famosa PCC 1). Além disso, ele explica com detalhes profundos como funciona uma iniciação científica e sobre todos seus caminhos.

Apesar dos pontos negativos citados, acredito que aqueles que têm interesse na área de pesquisa — mesmo que acabem não trilhando esse caminho —, devem gostar bastante.

Nota: 7,0

Álcool, Saúde e Sociedade (PRG0011)
(2 créditos-aula e 1 crédito-trabalho)

Beatriz Bicudo,
Engenharia Elétrica, 4º ano.

Com caráter informativo, essa é uma disciplina que conta com uma série de videoaulas de temas dos mais variados sobre como o consumo de álcool pode afetar nossas vidas, não só no sentido de “consequências”, mas também no que diz respeito a questões biológicas e químicas, o que eu, particularmente, achei muito interessante.

Sobre a avaliação, quando cursei (no segundo semestre de 2020), eram apenas testes no Moodle, que podíamos fazer quantas vezes quiséssemos até gabaritarmos.

Tirando todas as possíveis “piadas” que costumam ser feitas a respeito dessa matéria, vale ressaltar que ela é bem interessante para quem tem curiosidade sobre o assunto e quer entender um pouco mais sobre seus impactos a partir de uma perspectiva científica.

Dica para matrícula: PRG0001 é uma disciplina pela qual muitas pessoas têm interesse; então, as vagas são muito disputadas e preenchidas logo. Vale a pena, inclusive, mandar um e-mail para o coordenador perguntando se ele aceitará requerimentos (o que geralmente acontece).

Nota: 10,0

Biblioteca com Função Educativa: a Criança e o Jovem (CBD0277)
(4 créditos-aula)

Beatriz Bicudo,
Engenharia Elétrica, 4º ano.

Cursei no segundo semestre de 2020. Apesar de estarmos num *meet* às sextas à noite, as aulas eram bem participativas (nada obrigatório, mas a turma interagia bastante), o que dava uma liberdade bem legal para quem queria se aprofundar melhor no assunto.

As discussões eram baseadas em textos disponibilizados previamente (nada muito longo) e eventualmente eram cobradas atividades sobre eles (mas questões bem pontuais). A maior parte da avaliação foi uma apresentação de proposta de atividade para crianças em bibliotecas.

Nota: 10,0

Introdução à Análise Real (MAP0216) (6 créditos-aula)

Arthur Belvel Fernandes,
Engenharia Mecânica, 3º ano.

Cursei "Introdução à Análise Real" em 2020.2, com o professor Rodrigo Bissacot. Já tinha sido avisado que era uma disciplina extremamente difícil e que alguns alunos da Poli cursavam por conta de ajudar em certos processos de DD na França. Resolvi cursar e foi uma experiência à parte, especialmente porque era bixo.

Não tem pré-requisito, porque você aprende a matemática do básico (literalmente criando o conjunto dos naturais), mas é interessante ter feito Cálculo I.

Resumiria dizendo que a gente aprende coisas muito parecidas com o Cálculo da Poli, mas trocando tudo que os professores dizem "dá pra provar que" por "vamos provar que". Literalmente tudo, desde como somar até a como integrar.

A disciplina realmente demanda muito do aluno, foi a que mais me dediquei de longe, passava horas fazendo as provas (todas de demonstrações, fuja se não gostar) e as listas (que foram várias) davam pelo menos umas 20 páginas cada. Além disso, eram 6 créditos-aula, mas a aula era excelente, os monitores, muito dedicados e a matéria provavelmente tinha as conclusões mais bonitas que eu aprendi na graduação — uma ode à matemática.

Nota: 9,1

Vibrações Mecânicas (PMI3925) (2 créditos-aula)

Henrique Mesquita Marins Uva,
Engenharia de Materiais, 3º ano.

Cursei esta disciplina no segundo semestre de 2021. É uma optativa direcionada à turma de engenharia de petróleo e costumava ser ministrada em Santos, mas com a vinda do curso para cá, é possível que seu próximo oferecimento seja em São Paulo.

Trata-se de uma disciplina que visa mesclar os conceitos de ondulatória aprendidos em Física II com Mecânica I e um pouco de Python. Olhando assim, mas que cria do diabo que parece! Uma mistura perfeita de tudo o que é mais odiado na poli... mas quem acha isso não poderia estar mais enganado!

O professor responsável, até

então, pela matéria é um grande anjo chamado Ronaldo Carrion, que (além de ser perfeito) explica muito bem a matéria, e não exige muito dos alunos (quase nada pra ser bem sincero — eu já disse que o Ronaldo é perfeito?).

O método avaliativo se resumia a testinhos curtos semanais, geralmente focados na implementação de um código computacional que simulasse um dado fenômeno oscilatório (é quase que só pegar a equação que ele dá no slide e "plotar" no Python); e mais um último problema, para ser resolvido em duplas, levemente mais complicado, acompanhado de uma pequena apresentação explicando a solução proposta, também devendo ser implementada em código.

No geral, foi uma matéria bem tranquila (inclusive, aprendi mais de Física II nessa optativa do que na própria matéria). Não é tão "coxa" a ponto de poder largar e deixar para estudar tudo de última hora, mas também não exige nada além dos créditos da disciplina. Para os outros três trouxas que (como eu) gostaram de MAC2166 e ficaram com um gostinho de "quero mais", não poderia recomendar nada melhor.

Nota: 9,0

Literaturas Africanas de Língua Portuguesa III (FLC0489) (2 créditos-aula e 1 crédito-trabalho)

Carolina Mendes Esposito,
Engenharia Civil, 3º ano.

Cursei essa matéria no meu segundo semestre. Pelo menos em 2020, era oferecida para a turma de Letras, inicialmente sem vagas reservadas para optativas livres. Contudo, como não tem pré-requisitos e o professor é bem tranquilo, consegui me matricular por um requerimento simples explicando minhas motivações para cursá-la.

A primeira aula foi bem interessante e abrangente, dando um contexto geral sobre literatura, história e a cultura portuguesa trazida pela colonização na África. As aulas seguintes eram focadas em Cabo Verde (são quatro matérias dessa, cada uma com foco em um país africano de língua portuguesa), por meio da análise literária de livros como *Mornas eram as noites*, *Flagelados do vento leste* e *Marginais*.

A aprovação dependia apenas da avaliação final, já que a presença não era obrigatória. Essa avaliação era a discussão de uma das sete propostas apresentadas. Fiz um texto de seis páginas sobre o tema *Por que a revista Claridade é considerada um marco na Literatura de Cabo Verde? O que a distingue de outras manifestações literárias de Cabo Verde?* durante uma semana de provas (ou seja, bem na pressa) e consegui passar tranquilamente.

No geral, achei uma matéria muito divertida e esclarecedora, o que permitiu "fugir" um pouco dos números e cálculos da Poli, sem muito trabalho — já que as aulas eram em um tom de conversa e a avaliação dependia apenas do seu entendimento das aulas, sem cobrar muita pesquisa e estudo por fora.

Nota: 10,0

Refino de Petróleo (PMI3916) (2 créditos-aula)

Samira Paulino dos Santos,
Engenharia de Materiais, 3º ano.

Uma recomendação especial de uma matéria específica para os caros colegas futuros engenheiros de petróleo foi altamente sugerida para mim em meu tempo de bixete e futura transferida: "Independentemente do que vocês quiserem para o futuro, *façam*".

E o conselho valeu a pena. Realizei na modalidade remota, mas todos os valores da matéria se mantêm. Ela normalmente é conhecida por ser fácil, mas é muito mais do que isso.

O conteúdo é tranquilo mesmo para alunos de outras áreas — para aquela pessoa que decorou a torre de destilação para o vestibular e quer entender mais por trás. As aulas não eram estendidas e, no ensino à distância, eram a alegria das tardes de segundas-feiras.

A professora é um anjo do departamento do PMI e tem uma didática incrível. Ela consegue te aprofundar bastante em algumas partes do conteúdo sem te deixar perdido no meio do caminho.

Antes, a disciplina era restrita para o pessoal de Santos, mas, com a subida do curso, se tornou disponível para toda a Poli.

Nota: 9,0

Ambiente e Sustentabilidade de Alimentação (HSA0126) (2 créditos-aula)

Beatriz Machado,
Engenharia Ambiental, 2º ano.

Uma matéria muito interessante e tranquila, que aborda a relação entre a produção de alimentos e suas implicações socioambientais. É disciplina obrigatória da Nutrição, mas os conteúdos abordados são importantes para quem se interessa pelo meio ambiente porque explica conceitos de sustentabilidade, segurança alimentar, agroecologia, gestão de resíduos e saneamento básico, o que eu achei sensacional.

Os professores são ótimos, explicam bem e deixam indicações boas de leituras das aulas. A avaliação foi elaborar um podcast em grupo com alguns temas propostos pelos professores, gostei de fazer porque achei diferente.

Nota: 9,8

Tópicos de Pesquisa nas Ciências Contemporâneas (PRG0006) (1 crédito-aula e 2 créditos-trabalho)

Carolina Mendes Esposito,
Engenharia Civil, 3º ano.

Oferecida de forma totalmente remota, conta com questionários e vídeos semanais (de até vinte minutos) que abrangiam tópicos (como evidenciado no título da matéria) de pesquisa nas ciências contemporâneas, como: gravimetria, neurociência computacional e biofotônica. Esses nomes, mesmo que grandes e fora do que vemos na Poli, são explicados de forma simples e didática, já que a matéria é oferecida para toda a USP.

Além disso, 60% da nota é composta com base em um texto de divulgação científica. Sua construção é feita ao longo do semestre com entregas pré-definidas de três versões, avaliadas tanto pelos monitores como por alguns alunos, tornando a experiência ainda mais legal e integrativa (ainda que toda à distância).

Recomendo muito essa matéria por promover o desenvolvimento acadêmico dos alunos, tanto na parte da escrita como nos conhecimentos atuais apresentados. Isso sem contar o fato de ser online e ter atividades que podem ser feitas com uma dedicação de uma a duas horas na semana, que não são difíceis ou muito exigentes em questão de conteúdo e aprofundamento.

Nota: 9,5

Os estudantes pelos estudantes

Pedro de Andrade Franco,
Engenharia Civil, 1º ano.



O ensino deve inspirar os estudantes a descobrir por si mesmos, a questionar quando não concordarem, a procurar alternativas se acham que existem outras melhores, a revisar as grandes conquistas do passado e aprender porque algo lhes interessa.

Citação de **Noam Chomsky**

Após dois anos sem participar de uma eleição, em decorrência da pandemia de covid-19, pudemos, enfim, exercer nosso direito de escolher a chapa que representará o Diretório Central dos Estudantes Livre Alexandre Vannucchi Leme (DCE) durante um ano. Mesmo que não estivesse ciente do pleito, você provavelmente foi abordado para conversar sobre pautas e reivindicações do movimento estudantil. Ao todo, eram nove grupos na disputa do maior diretório de estudantes do Brasil, dentre os quais, destacaram-se em presença o coletivo “Nossa Voz”, que buscava reeleição, e o movimento de oposição “É tudo pra ontem”. Depois da apuração de quase dez mil votos, foi anunciado o resultado: com aproximadamente 62% deles, a chapa que dirigirá o DCE e representará os alunos da USP será “É tudo pra ontem”.

Todavia, podemos questionar: muito além do DCE, quais entidades representam os estudantes da USP? Em especial, na Escola Politécnica, quais grupos cumprem essa função? E no âmbito nacional? Há uma organização nesse sentido? Por fim, mas não menos importante: o que une tais grupos? Para refletir sobre todos esses questionamentos, vamos por partes. Partiremos do microcosmo dos centros acadêmicos (CAs), passando pelo Grêmios; em seguida, pelo próprio DCE, até chegar no macrocosmo nacional, personificado na figura da União Nacional dos Estudantes (UNE). De antemão, porém,

adiante que nenhuma entidade é melhor do que a outra, diferenciando entre si apenas a esfera de atuação. Vale dizer, ainda, que as rixas criadas, seja entre CAs e Grêmios, seja entre Grêmios e DCE são fúteis diante daquilo que junta todos eles.

Iniciemos, pois, pelos centros acadêmicos. Mesmo que relativamente pequenos, são de grande importância para a comunidade discente, uma vez que são a associação que mais facilmente atinge cada aluno de um determinado curso. Não obstante, cada engenharia da Poli possui seu próprio “centrinho” (como são carinhosamente apelidados). Nesse mesmo sentido, as funções deles giram em torno do curso a que estão atrelados. Por exemplo, o Centro de Engenharia Civil Prof. Milton Vargas (CEC) atua diretamente na resolução de problemas das disciplinas de Engenharia Civil, como o próprio nome sugere. Os problemas podem ser de âmbito curricular, docente, ou mesmo administrativo — não importa: quaisquer percalços relacionados ao seu curso, você pode acionar seu CA para solucioná-los! Em síntese, a rede de representação estudantil se fundamenta e se mantém coesa por meio dessas entidades.

Partindo, agora, para uma organização cuja imagem é muitas vezes confundida com a da própria representação estudantil: o Grêmios. Tal confusão é, em partes, causada pela relevância dessa instituição no cenário acadêmico, pois um grêmios estudantil é a máxima organização de alunos perante uma diretoria. No caso da Escola Politécnica, portanto, é o Grêmios Politécnico a entidade que dá voz a todos os alunos que aqui estudam. Dividido em diversas diretorias, sua abrangência vai desde os alunos do ciclo básico até os estudantes de pós-graduação. Além disso, o Grêmios (que organiza, por exemplo, eventos, palestras, aulas e até este jornal!); está mais diretamente associado aos coletivos identitários e possui maior contato com as diretorias, coordenações e secreta-

rias da Poli. É interessante dizer que sua história confunde-se com a da própria Poli e, curiosamente, é uma instituição mais antiga do que a USP! Por fim, vale dizer que, dada essa dimensão e tradição de luta pelos estudantes politécnicos, nunca deixe de acionar tal entidade, quando sua pauta necessitar de grande relevância institucional.

Saindo da dimensão da Escola Politécnica e partindo para um panorama maior, falemos sobre o Diretório Central, a maior representação dos estudantes da Universidade de São Paulo. E isso vale para todos os *campi* da USP: de Bauru a Lorena, de Ribeirão Preto a Santos! Suas pautas referem-se às problemáticas gerais vividas pelos alunos da USP. Para exemplificar, no *campus* de São Paulo, foi de responsabilidade do Diretório Central mobilizar a comunidade universitária contra as filas descomunais dos Restaurantes Universitários, contra a precarização do CRUSP e contra a superlotação dos ônibus circulares. Esses exemplos são apenas da Cidade Universitária, mas podem ser estendidos, levando-se em conta a atuação do Diretório em outros prédios e áreas da Universidade, por intermédio dos grêmios e CAs ligados a ele nas respectivas faculdades.

Antes de prosseguir para os parágrafos finais, cabe, aqui, um indispensável adendo: as entidades estudantis citadas acima possuem, cada uma em sua esfera de atuação, uma Comissão Contra a Opressão (CCO). Atitudes machistas, racistas, homofóbicas, entre tantas outras preconceituosas ainda estão presentes no ambiente universitário. Por isso, seja na Poli, seja em qualquer parte da USP, procure a CCO mais pertinente para dada situação e denuncie qualquer forma de opressão! Não se cale! Lutemos juntos por uma USP mais respeitosa!

Findado o adendo, tratemos, por último, da UNE. Se você já se atentou para um Cartão de Bilhete Único, possivelmente essa sigla não te seja estranha. Esse é o maior coletivo do Brasil, no que

tange o movimento estudantil universitário. A UNE nasceu com o objetivo de promover uma educação democrática e de qualidade nas universidades, mas ampliou suas fronteiras, atuando politicamente em várias circunstâncias. Algumas passagens memoráveis nesse sentido são a luta contra a Ditadura Civil-Militar e os movimentos “Diretas Já!” e “Fora Collor”. Esses e outros fatos renderam à União diversas polêmicas e controvérsias, as quais, de forma alguma, anulam a importância dessa unidade na luta por uma boa educação e na conscientização política dos alunos de graduação.

FOTO: ALFONSO ABRAHAM



Comício pelas “Diretas Já!”

Terminada a abordagem informativa, resta uma pergunta a ser respondida: o que unifica todas as entidades? Não coincidentemente, a resposta está relacionada à política. A resposta é resistência! Afinal, em um país, no qual estudantes são chamados de vagabundos, estudar é um ato de resistência. Em um país no qual mentiras e achismos são mais valorizados do que o conhecimento, estudar é um ato de resistência. Então, sejamos resistentes da melhor forma possível: obtendo conhecimento. Não somos o futuro da nação, somos o presente, por isso devemos lutar desde já! Unamos as forças de todas as entidades de representação estudantil, a fim de transformar Brasil afora em um lugar melhor e mais justo para todos!

PoliSat: os desafios de um novo grupo de extensão

Luca Paniago,
Engenharia Mecânica, 2º ano.

Como já discutido no jornal, um dos grandes diferenciais da Poli para a tão aclamada formação de engenheiros são os grupos de extensão. Entretanto, já imaginou como foi o início de cada um deles? Quando são apresentados na Semana de Extensão, por exemplo, a impressão (pelo menos a minha) é de estarem consolidados, formados por especialistas na área e como se sempre tivessem existido daquela forma. Com isso, este texto almeja mostrar o início do mais novo grupo de extensão politécnico, o PoliSat, do qual faço parte.

O PoliSat foi fundado oficialmente em 2021, dentro do PET Mecânica, assim como o Projeto Júpiter, e tem como propósito ser

o primeiro grupo a desenvolver CubeSats, uma classe de nanossatélites, com menor complexidade do que os satélites convencionais, já que, por exemplo, os CubeSats são baseados em unidades cúbicas de apenas 1000 cm³. Sendo assim, o grupo possui os primeiros trabalhos focados em duas atividades: participação da OBSAT (Olimpíada Brasileira de Satélites), com o CubeSat Tucanae I e no desenvolvimento do Polaris I, satélite com proposta de ser finalizado até Julho, sem ter o intuito de participar de competições (missão interna).

No entanto, todas nossas atividades estão sendo experienciadas, pela primeira vez, por cada um dos integrantes; ou seja, não há aquele auxílio de possíveis membros mais antigos e experientes que já participaram de

diversas competições e missões, como comumente é visto nos diversos grupos da Poli. Por isso, caro leitor politécnico, você deve estar pensando: “Como é que vão construir um satélite do zero?”. Com muita pesquisa, é claro! Toda a base está sendo construída nesse exato momento para o futuro do grupo; logo, a documentação de nossas descobertas de como tornar nossos CubeSats uma realidade é fundamental. Tudo está pautado na grande força de vontade de querer dar certo, visto que há uma fonte inesgotável de informações na palma de nossas mãos, na internet.

Expresso, então, minha admiração por todos os outros grupos de extensão da Poli que passaram por esse momento inicial desafiador, turvo e devidamente inseguro,

ro, e que hoje são referências no Brasil e no mundo por suas atividades. Essa turbidez pode ser, por um lado, desanimadora, mas possui o nobre encanto de ser a base da descoberta do que é fazer engenharia! A aprendizagem nada mais é do que ultrapassar essa névoa da ignorância para realizar ações que nos preenchem e transformam o mundo que nos envolve. Pode ser que nem todas as escolhas sejam certeiras, mas estar presente na formação do primeiro grupo de satélites da Poli, e representar essa escola renomada nas diversas missões já é extremamente recompensador.

Apesar de ter um número pequeno de membros, muitas incertezas e medos, o simples fato de estar “engenheirando”, não necessariamente com satélites, mas carros, aviões, foguetes, drones, lembra o porquê de estarmos fazendo engenharia aqui e o propósito para esses cinco anos (ou mais) a que somos submetidos.

Financiamento da extensão politécnica: uma luta diária

Luca Paniago,
Engenharia Mecânica, 2º ano.

O que move a maioria de nós, politécnicos, jovens, porém cansados, durante nosso período de graduação? Notas? Aulas? Casquinhas d'O Triedro? Para muitos, a resposta será: grupos de extensão. Eles são a chama que nos lembra do objetivo de estar aqui todos os dias, buscando nos tornar grandes engenheiros. Contudo, não é com esse mesmo romantismo que se vive o dia a dia de um grupo de extensão. A realidade é muito menos glamourosa, recheada de percalços e apertos. Então, surge a grande questão: como esses grupos conseguem se sustentar financeiramente para manter essa chama nos politécnicos, até mesmo nas manhãs mais frias de maio? Aposto que muitos não param para pensar nisso — inclusive, eu era um deles, até entrar no mundo da extensão.

Grande parte dos grupos acabam adquirindo caixa a partir de eventos, como palestras, *workshops*, *coffee breaks*, feiras de estágio, trazendo pessoas que possam ser interessantes para os alunos da Poli. Essa é uma maneira de contribuir para que os politécnicos tenham um contato com o mundo real da engenharia e vislumbrem futuros projetos ainda mais desafiadores aos grupos. Além disso, há os fundos de doações, “vaquinhas” e similares para auxiliar nas pequenas despesas ou até em objetivos maiores, como competições internacionais ou projetos totalmente inovadores.

Outro caminho muito explorado principalmente pelos grupos técnicos é o de patrocinadores. Geralmente, a relação se dá pela disponibilização de materiais (componentes, peças, dispositivos etc), serviços (usinagem, impressão 3D, treinamentos e consultorias) ou pelo apoio financeiro

direto, fazendo o famigerado PIX. Em contrapartida, os grupos conseguem oferecer a tais empresas a divulgação de suas marcas, por meio de posts no Instagram, banners, camisetas com os seus logos, eventos com tempo exclusivo dedicados a essas empresas e até mesmo com as respectivas marcas expostas nos carros, aviões e satélites produzidos pelas equipes.

Há também a importante fundação do Amigos da Poli, uma das maiores fontes de investimentos para os projetos de extensão e pesquisa existentes aqui. Ela se trata de um fundo gerido de forma voluntária por ex-politécnicos e mantido por doações. No último ano, os investimentos totalizaram um milhão de reais em projetos na Escola. Para conseguir tal auxílio, o sistema é parecido com o *reality show Shark Tank*: deve ser submetido um detalhamento do projeto a ser financiado e, depois, há os *Pitch Days*, nos quais os grupos têm um tempo limitado para convencer uma banca avaliadora do valor do financiamento. Finalmente, vamos a dois exemplos para materializar a ideia transmitida nos parágrafos anteriores. A Poli Social é um grupo que consegue arrecadar recursos

tanto através de patrocinadores para suas consultorias gratuitas, quanto por meio de eventos com temática baseada nos ideais do grupo. Já a equipe Poli Racing é patrocinada de todas as formas supracitadas, tanto pelo Amigos da Poli quanto por materiais, serviços e auxílio financeiro, além da realização de eventos, como para o lançamento de um novos protótipos. Todo esse trabalho é feito para melhorar ainda mais as atividades de cada grupo de extensão, principalmente durante o período de graduação, no qual os recursos são tão escassos.

Chegamos na metade do ano, mas o cansaço que reside no politécnico não o impede de recorrer a todas alternativas possíveis para manter ao menos seus projetos vivos. Trata-se de nos sentirmos pertencentes e manter pulsante a chama que arde em nossos corações, apesar de todo o desânimo gerado em meio às intermináveis semanas de provas. De pouco em pouco, a referência da extensão da Escola Politécnica se mantém, graças a nós mesmos que a fazemos progredir cada dia mais, além de ser a porta de entrada para as empresas investirem em inovações que a Universidade fornece.

Arte e Cultura

O Politécnic viu: Brilho eterno de uma mente sem lembranças

Joel Barish (Jim Carrey) descobre que sua ex-namorada, Clementine Kruczynski (Kate Winslet), contratou os serviços da inovadora empresa *Lacuna Inc.* para ter todas as lembranças do relacionamento entre os dois deletadas para sempre. Desiludido, ele decide fazer o mesmo; entretanto, durante o procedimento, Joel muda de ideia e se vê preso em sua própria mente — desesperado para manter viva a memória de sua amada.

Dirigido por Michel Gondry e roteirizado por Charlie Kaufman, *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* (*Eternal sunshine of the spotless mind* — 2004) apresenta uma jornada onírica que mistura drama e romance, com pitadas do característico humor kaufmaniano, além de um pano de fundo de ficção científica. Com 1h 48min de duração, o longa foi indicado a duas categorias do Oscar: melhor atriz (Winslet) e melhor roteiro original, tendo vencido a segunda.

DIVULGAÇÃO/UNIVERSAL STUDIOS



Kate Winslet e Jim Carrey, respectivamente, em cena de *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*.

Murilo Ferreira Noronha,
Engenharia de Produção, 2º ano.



Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está à minha frente e diria que eu o amo...

Citação do poema *O Tempo* (1981), de **Mario Quintana**

Enquanto assistia ao filme, me lembrava dessa passagem de um dos meus poemas favoritos.

Brilho eterno de uma mente sem lembranças sem dúvida é um dos meus filmes preferidos. A começar, entrega um elenco de peso, cheio de artistas bons. Imagine Jim Carrey, Rose (do *Titanic*), Sr. Frodo, Mary Jane, Hulk e o cara do *Alvin e Os Esquilos* na mesma obr. Agora, com todo esse *casting*,

monte uma aventura dramática que una o romance e a ficção científica sem deixar a história irreal, fazendo com que o espectador se prenda ao roteiro imaginando-se na trama. Tarefa difícil? Pois a equipe por trás desse filme conseguiu realizá-la com maestria.

No início, quem está assistindo pode se sentir perdido, sem entender por que os personagens principais estão ali, por que são tão instáveis, quantas cores o cabelo de Clementine tem... mas, com o passar do tempo, tudo se encaixa. A obra, em menos de duas horas, provoca tristeza, aventura, paixão, esperança e pessimismo. Essa combinação de sentimentos ocorre na mente do protagonista, nos arredores dos coadjuvantes e no próprio espectador.

É difícil falar sobre esse filme sem parecer uma declaração de amor. E é exatamente isso que o roteiro é: uma reflexão sobre a dor do amor e o vazio da falta dele. O que

Mateus de Pina Nascimento,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

Ao apresentar um Joel introspectivamente vulnerável e uma Clementine minimamente menos idealizada do que o de costume — “apenas uma garota problemática procurando por paz de espírito” —, *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* é capaz de se aproximar do espectador, mesmo com uma proposta inicialmente distante. Até personagens secundários são desenvolvidos com profundidade considerável, levantando questões complementares à reflexão principal da trama — talvez o melhor exemplo seja o de Mary (Kirsten Dunst).

Como em um fluxo de consciência, o filme possui uma narrativa não linear, que, de certa forma, simula a estrutura da memória humana. Apesar de vez ou outra o diretor fazer questão de distingui-las, lembranças e realidades se misturam com impressionante fluidez. Cenas, inclusive, são repetidas, com pequenos diferenciais, elementos narrativos

que sutilmente conduzem o clima da história — desde a trilha sonora até, claro, a cor de cabelo de Clementine. Esses aspectos fazem o público se perguntar: será que isso é real? Será uma lembrança? Será um sonho? Será o início de uma linha temporal ou o meio de um ciclo? E será que importa?

O filme usa o amor como ponto de partida para questões filosóficas existenciais e deterministas, e o elemento de ficção científica levanta reflexões sobre a consciência humana. Apagar as memórias de alguém que foi muito importante e amado, mas que deixou marcas dolorosas, teoricamente, não seria possível. Afinal, a memória determina o eu atual tanto quanto o eu atual ressignifica a memória. Logo, mesmo as marcas (e talvez principalmente as marcas) deixam uma contribuição considerável na formação do eu, sendo indissociáveis a ele.

Agora, ignore tudo isso e suponha, só por um instante, que esse procedimento seja possível... você esqueceria?

Nota: 8,7

seria melhor? A dolorosa lembrança de uma vida gostosa perdida, ou a paz de uma página em branco? Talvez alguns prefiram a segunda opção, pois, como dito pela grande paixão e a maior decepção de Joel, “feliz é o destino da inocente vestal, esquecida pelo mundo que ela esqueceu, brilho eterno de uma mente sem lembranças”.

Nota: 10

Bruno Pereira dos Santos,
Engenharia Civil, 1º ano.

No seu início, *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* me deixou um pouco receoso, as primeiras cenas são confusas e desconfortáveis, parecem surgir do nada e irem a lugar nenhum.

Com o passar da trama, a confusão do que é passado e presente, do que é real e imaginário se intensifica ao mesmo tempo em que se justifica e nos faz mergulhar no mundo caótico das memórias desconexas do protagonista. Contudo, enquanto a confusão dos primei-

ros diálogos se torna ponto fundamental da trama, o desconforto que eu senti nesse início só volta a se repetir no fechamento da obra, (e, nesse ponto, não tenho como evitar *spoilers*) as conversas entre Joel e Clementine após o processo de apagar memórias, até após saberem a verdade, me trazem um sentimento de que falta algo. E falta mesmo, afinal, tanto Joel quanto Clementine, considerando que somos moldados pelas nossas experiências — uma visão bem determinista aqui —, não são mais o Joel e Clementine que se apaixonaram, eles nem são mais eles mesmos, pois arrancaram parte da sua história e isso fica evidente quando ouvem suas fitas do passado, eles estão ouvindo estranhos, não se reconhecem, querendo apagar um ao outro, apagam-se juntos.

O início, que à primeira vista me causou receio, agora é para mim uma das melhores partes do filme.

Nota: 9,6

Arte e Cultura

Yasmim Ramos de Azevedo,
Engenharia Civil, 1º ano.

O que acontece quando a ciência e a tecnologia buscam solucionar problemas profundamente humanos? Esse questionamento, embora muito presente em produções recentes, já foi desenvolvido no início dos anos 2000 por Michel Gondry em *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*.

Joel (Jim Carrey) descobre que Clementine (Kate Winslet), sua mais recente namorada, procurou uma empresa especializada em deletar memórias para esquecer do relacionamento progressivo dos dois. Para lidar com a dor emocional infringida pelo rompimento, somada à causada pela descoberta, ele decide passar pelo mesmo procedimento. Contudo, em meio aos flashbacks do relacionamento, ele se arrepende. Sem conseguir externar o interesse em desistir, o filme leva o espectador a compartilhar a angústia de Joel em perder suas memórias e reviver junto a ele os piores e os melhores momentos de seu relacionamento.

Absurdamente sensível, a obra consegue com leveza tocar em questionamentos filosóficos labirínticos. O filme se permite ser assistido com múltiplos olhares e essa é sua grande magia. Sem pretensão de refletir, você pode simplesmente apreciar um grande drama romântico. Para os mais questionadores, é fértil em produzir reflexões. O enredo é bastante competente em ser agradável e complexo simultaneamente, algo que poucas produções que eu conheço são capazes de fazer.

Nota: 9

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

Inicialmente, pensei que *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* seria mais um “comedião” do naipe Jim Carrey, como *Sim, Senhor* (ou o ilustríssimo *Pinguins do papai*). Felizmente, estava enganado.

Esperando dar risadas falsas de piadas mal encaixadas, me deparei com uma profunda reflexão sobre o amor e o amar (sim, eles são diferentes!).

Diante da nova tendência d'O Politécnico de escolher cartas de amor para análise crítica, me sen-

ti confortável para deixar um esclarecimento pessoal sobre esses conceitos. Amor não é uma emoção, e muito menos um sentimento. Comparar o amor com emoção é como comparar um bairro a um país, uma letra a um texto, uma célula a um corpo. Amor é raiva, tristeza, felicidade, frio, calor, dor, prazer, vida e morte. É transbordar, é excesso, é a certeza da incerteza. O amor é muito diferente do amar. Amar é uma escolha, que se faz a cada segundo, cada infinitesimal de momento. Amar é arriscar tudo.

Mas o que acontece, que mesmo a sentir o amor você desiste de amar? Quem ganha esse embate entre mente e coração?

É esse embate, essa dúvida, que o *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* descreve com maestria, nos encantando e desapontando em toda a sua extensão. De um jeito único, entrega a sua mensagem, a qual eu deixo para o leitor descobrir e se surpreender assistindo o filme.

E por fim, deixo a súplica de um romântico desiludido: ame!

Nota: 9



Clementine (Winslet) pega um pedaço do frango de Joel (Carrey) sem permissão. "Foi tão íntimo; como se já fôssemos amantes", pensou Joel.

Laura Carmieletto Saran,
Engenharia Química, 1º ano.

Ao suscitar reflexões de grande profundidade quanto à função essencial e ao funcionamento da memória de um indivíduo, em especial por meio do delicado fenômeno da alteração retroativa de eventos passados — ou seja, como eles podem ser tornados mais alegres ou amargos, alterados em si próprios por existirem apenas na medida em que são recordados — *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* constrói um excelente debate.

Feito admirável, afinal a discussão poderia se perder em clichês vazios (vide *A Vida em Si*, de 2018) e não o faz — o crucial é a compreensão de que não se trata de mera mudança da análise que se faz do evento, posto que, na realidade, ele deixa de ser fixo uma vez que já se encerrou. Metaforizado na sequência em que Joel viaja com Clementine por sua memória, o conceito é muito bem expresso.

Nem tudo, porém, são flores. As infrações éticas apresentadas são extremamente óbvias, afinal a maneira com que o Dr. Howard trata sua secretária (ou a equivalente situação entre Patrick e Clementine) é condenável pela omissão de informações a que as personagens teriam direito, proporcionada pela sua vulnerabilidade devida à amnésia; nesse sentido, não é muito diferente de se aproveitar de alguém alcoolizado, banal em relação às demais ponderações interessantes que a obra traz.

A tese do filme nunca é perdida de vista: o fato de que ao re-

DIVULGAÇÃO/UNIVERSAL STUDIOS

visitarmos nossas memórias saímos de nossa perspectiva inicial por já termos vivido experiências posteriores, sermos já outras pessoas, está presente em toda a narrativa. Joel começa a sua jornada revivendo a sala da clínica em que esteve na mesma manhã, mas há duas versões dele no cômodo — ele está fora de seu *eu passado*, e esse descompasso só aumenta à medida que as recordações mais distantes são acessadas. Eis a raiz do arrependimento, cerne de *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*.

Nota: 8,5

Matheus Souza e Silva,
Engenharia Civil, 1º ano.

É possível apagar memórias? Essa pergunta não tem tanto efeito diante dos avanços tecnológicos, e também por ser um assunto muito comum em filmes e séries, como *Black Mirror* (2011-presente), produzida atualmente pela Netflix. Quando *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* foi lançado em 2004, a temática conquistou facilmente os espectadores.

Jim Carrey e Kate Winslet interpretam os protagonistas Joel e Clementine, respectivamente — o que torna o filme ainda mais grandioso —, que inicialmente se apresentam um casal inusitado formado pelo acaso, mas que romperam o relacionamento devido às circunstâncias. Esse é o ponto que leva Clementine a um experimento para apagar lembranças de seu cérebro permanentemente. O filme, então, se desenrola a partir da decisão de Joel de adotar o mesmo procedimento. No entanto, Joel se arrepende durante a sessão em que os especialistas estão apagando Clementine de sua mente.

Particularmente, o filme não chamou a minha atenção como eu esperava. Apesar do filme ter uma proposta inovadora e genial ao meu ponto de vista, o roteiro deixa a desejar. Os sentimentos de Clementine ficam subentendidos e seu protagonismo se limita ao decorrer da história, desperdiçando a oportunidade de explorar a fundo a personagem. As tramas envolvendo personagens secundários são desconexas e deixam “pontas soltas”. O filme, com uma duração de tela razoável de 1 hora e 48 minutos, me deu a impressão de estar assistindo por mais de 2 horas.

Apesar de conter furos de roteiro e não aproveitar personagens como Clementine, não há como taxar o filme como fraco ou semelhante. A direção cria uma atmosfera melancolicamente agradável e transmite aos que assistem as sensações esperadas. O drama nos dá um final satisfatório e no contexto geral entrega um bom filme e deixa diversos pontos que refletiremos após terminar a sessão.

Nota: 9,6

Poli Campus: Censura e Gastronomia

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

A história do jornal O Politécnico é complicada (e conturbada). Ditaduras marcaram o seu nascimento e o seu “fim”. Golpes e revoluções fazem parte das suas páginas.

Para entender o seu surgimento, é preciso entender também as circunstâncias que o antecederam. O nascimento do jornal é indissociável à ascensão do regime varguista em 1930, por meio da Revolução Constitucionalista, que colocava um ponto final na política do café-com-leite dentro do Brasil. Após essa transformação abrupta, surgiu em São Paulo um movimento de oposição à Nova República, o qual posteriormente ocasionou a Revolução de 1932. Nesse conflito, a Escola Politécnica acabou se tornando um centro científico, por conta do fornecimento de apetrechos bélicos para as revoltas. Todo esse evento acabou por fortalecer o posicionamento político e a participação no movimento estudantil por parte do Grêmio Politécnico.

Os anos seguintes foram caóticos. A reconstitucionalização do país em 1934 e a subsequente fundação da USP trouxeram grandes expectativas junto a novos ares de mudança. Todavia, em 1937, aconteceu o golpe que deu início à ditadura do Estado Novo. Após isso, o universo acadêmico ficou marcado por inúmeras manifestações estudantis em prol da democracia, as quais se exaltaram ainda mais em 1943, com a morte de um estudante de Direito no largo São Francisco.

É em meio a todo esse fervor por mudança que nasce O Politécnico.

O jornal foi efetivamente criado em 1944, quando foi registrado no DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão intimamente ligado à censura do Estado Novo. Já havia outras revistas acadêmicas na Poli, mas foi só nesse momento que surgiu O Politécnico, com o espírito e o nome que conhecemos hoje.

Major Dutra, então diretor-geral do Departamento, classificou-o como um boletim, impondo restrições quanto aos seus anúncios e publicações, justamente por conta do posicionamento do Grêmio Politécnico contra a ditadura varguista. Mesmo assim, todas as entidades acadêmicas do movimento estudantil continuaram a exercer pressão contra o regime até seu inevitável fim, em abril de 1945.

REPRODUÇÃO/DIÁRIO DA NOITE



Em 1945, mais de seiscentos alunos foram suspensos devido à ditadura varguista.



A hora é de reivindicações e, em defesa dos nossos direitos, iremos até o fim.

Declararam **Alair Faria de Barros** e **Edgardo Pereira Mendes Junior**, do Grêmio Politécnico, sobre a greve declarada pelos politécnicos em 1945.

Com o encerramento dessa ditadura, o jornal amadureceu, criando, por exemplo, a tradição de diretores anuais e estreitando seus laços com o Grêmio Politécnico. Diversos casos aconteceram durante esse período (os quais, inclusive, merecem textos próprios), mas o foco hoje é contar o nocaute d'O Politécnico e o nascimento do Poli Campus, ocasionados justamente pelo golpe de 1964.

Para a melhor compreensão dessa mudança, é preciso voltar um pouco e entender o que realmente estava acontecendo naquele ano. Em um resumo extremamente breve, o então presidente do Brasil, João Goulart, foi deposto por um golpe militar. Esse movimento pôs um ponto final na Quarta República e deu início a um dos períodos mais abomináveis da história do país, marcado por uma ditadura que censurava, torturava e assassinava seu próprio povo.

Esse golpe afetou (e muito) a USP. Entre 1960 e 1964, o movimento estudantil (assim como o Brasil) vivia um dos seus momentos mais intensos, aflorava no país uma profunda aspiração por transformação. E com os politécnicos não era diferente: debates acalorados sobre pontos críticos correlacionados à vida estudantil, assim como greves, incorporavam-se ao cotidiano da época. Esse embate constante trazia diversas reivindicações, tais como a Reforma Universitária e a presença de um terço de participação estudantil em todos os órgãos técnicos e administrativos. O Politécnico, inclusive, teve participação ativa em várias dessas pautas, noticiando-as e as debatendo. A movimentação constante no país encaminhava toda a situação para um ponto crítico, o qual teve um desfecho catastrófico, como descrito anteriormente.

Após a deposição de João Goulart, o movimento estudantil, estupefato, começou a se organizar, posicionando-se contra esse golpe (e sim! o nome do que aconteceu é golpe). Existem documentos emblemáticos (e curiosos) da época, como a convocação da UNE (União Nacional dos Estudantes) para uma greve estudantil em escala nacional, hasteando, justamente, a bandeira da liberdade e da legalidade democrática.

Toda a indignação, o inconformismo e a raiva são justificáveis diante do cenário da época. A interferência de países externos na política nacional por conta da Guerra Fria, a expulsão do presidente e o desaparecimento (e morte) de centenas criaram um cenário absurdo, intolerável.

A criticidade da situação fica ainda mais escancarada quando comparada com o momento vivido anteriormente. Como um período marcado por tanta transformação e mudança havia sido bruscamente substituído por um que cerceava a liberdade e o espírito da sua população? Como tão de repente um movimento que conseguia reivindicar um

terço de participação dos alunos nas decisões administrativas havia perdido sua força e cinética?

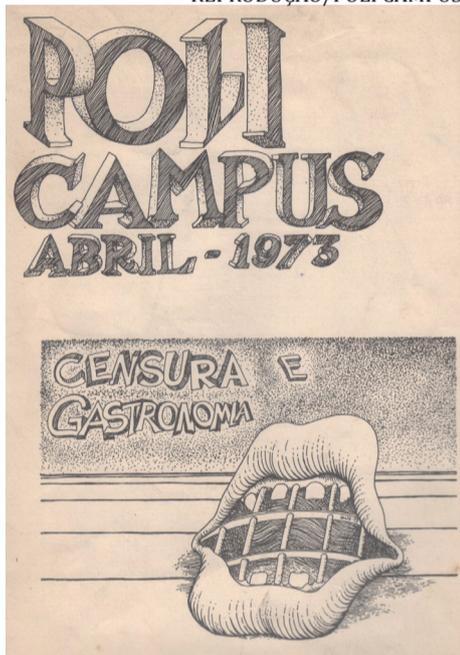
É em meio a esse choque que O Politécnico “morre”, dando espaço ao surgimento do Poli Campus, um jornal que expressa precisamente o ponto de vista dos politécnicos em meio à ditadura. Os sentimentos de amargura em meio à repressão e a fúria fúnebre de esperança por um futuro menos brutal são evidentes ao ler suas edições. Desde notícias a poemas, todos os textos possuem um peso ao serem lidos, que direta ou indiretamente conseguem aproximar o leitor dos ares da época.

As edições do Poli Campus contam os absurdos que ocorriam na ditadura, narrados do ponto de vista de quem os viveu. Um exemplo emblemático foi a intervenção policial no Conjunto Residencial da USP (atual CRUSP) em 2 de julho de 1967, que visava despejar os alunos que não haviam conseguido sua vaga para morar e, assim, acabavam ocupando apartamentos vazios. A abordagem policial tinha o objetivo de expulsá-los, ideia que não foi bem recebida pelos estudantes, ocasionando tumulto e conflito físico dentro da universidade. O embate teve como consequência o regimento de um regulamento disciplinar para alunos de toda a USP. Mais tarde, em dezembro de 1968, o CRUSP acabaria por ser fechado, desalojando 1500 universitários e provocando a prisão de muitos deles.

A situação torna-se ainda severa quando entra em vigor o Ato Institucional de número cinco, que, ao dar mais poder para o executivo, permitiu a intervenção do Estado em qualquer área que fosse contra o seu interesse político. A censura e os desaparecimentos tiveram o seu ápice, pavoneando toda a brutalidade e a injustiça do regime. Não à toa, nos anos seguintes à sua aplicação, o número de edições do Poli Campus cai, e os posicionamentos políticos passam a ser sentidos apenas nas entrelinhas dos textos.

Nesse contexto, é lançada a edição de abril de 1973 com a capa “Censura e Gastronomia”, que, assim como outra do mesmo ano, foi carimbada pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), que classificou o Poli Campus como um “jornal submersivo”.

REPRODUÇÃO/POLI CAMPUS



Uma das capas do jornal que viria a ser carimbada pelo DOPS

Essa intervenção criou um cenário de terror na equipe editorial da época, ainda mais considerando o período crítico vivido naquela fase da ditadura.

Mesmo assim, o jornal continuou tendo sua participação ativa dentro da Escola Politécnica, dando o espaço para seus alunos se expressarem política e artisticamente.

A importância do jornal não se restringiu a noticiar os eventos enquanto eles ocorriam. Talvez mais importante do que isso seja registrar o quão absurdo era o cotidiano da época, e, assim, contribuir para que não se repita, assegurando que a morte e o sofrimento daqueles oprimidos não sejam em vão.

A lembrança do passado é a única memória capaz de impedir o futuro de tapar nossos ouvidos e bocas.

Nesse sentido, uma das reflexões mais vitais é a de que a história é escrita no presente. Muitas vezes, ao lermos os livros

de história, vemos figuras políticas ou mártires como pessoas distantes, inalcançáveis. O que não percebemos é que eles eram justamente como nós. Os políticos da revolução de 1932 também andavam de transporte público, corriam para almoçar e bombavam em Calculo III. Os grandes nomes, que hoje são nacionalmente conhecidos, já foram apelidos regionais.

Tudo tem um começo no “agora”, ninguém nasce sabendo que vai fazer história, ela somente acontece.

Revoltar-se com questões políticas não é apenas um direito. Se você guarda respeito pela luta dos que te antecederam, ou valoriza o progresso social da humanidade, é seu dever se indignar com possíveis ameaças de voltarmos ao escuro.

Talvez seja mais simples imaginar-se como indiferente na luta, e se iludir acreditando que os grandes nomes só são grandes porque nasceram com grandes

predestinações.

É você decide a pegada que vai deixar na história e se dará ou não a chance de seu nome ser lembrado.

A história só existe no passado, mas é escrita no presente e muda o futuro.

REPRODUÇÃO/POLI CAMPUS



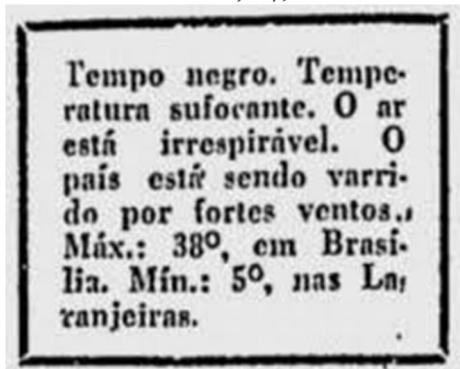
Desenho publicado na edição de agosto de 1970 do Poli Campus, em meio à insatisfação generalizada com o regime da época.

A Poli e a democracia

Luiz Antônio Melo,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Em 14 de dezembro de 1968, o Jornal do Brasil, à época um dos maiores veículos do país, noticiou, em sua sessão de meteorologia, a previsão do tempo a seguir:

REPRODUÇÃO/JORNAL DO BRASIL



Recorte da capa da edição do Jornal do Brasil

Essa “previsão” é hoje reconhecida como um dos símbolos do recrudescimento da ditadura militar brasileira, tendo sido publicada no dia seguinte ao AI-5, ato que iniciou a fase mais dura do regime.

Destaca-se o seu modo encriptado, com o intuito de avisar o leitor sobre o que acontecia ao

mesmo tempo que enganava os censores.

Nesse contexto, é bom ter em mente que, antes desse ato, o país já estava em uma descendente rumo ao abismo. Abismo esse que, ao longo de seus 21 anos, vitimou 434 pessoas (segundo números da Comissão Nacional da Verdade), dentre as quais 46 eram vinculadas à Universidade de São Paulo, o que instiga uma pergunta: qual o papel da USP — e, mais especificamente, da Poli — na defesa da Democracia?

Apesar de o regime militar ter se instaurado em 31 de março de 1964, esse processo não se deu do dia para a noite. Tratou-se de um processo contínuo de degradação das instituições, de hipertrofia das Forças Armadas e que, aos poucos, foi ganhando sustentação popular, fundamental para seu início e manutenção. Quando o então presidente João Goulart não conseguiu se manter na cadeira presidencial, as coisas já estavam fora de seus lugares há, no mínimo, 10 anos, quando diversas pressões (destaquem-se

as dos militares), levaram Getúlio Vargas ao suicídio.

Atualmente, vem se desenhando, em especial após a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República, um cenário que inspira preocupação e cuidado, especialmente pela semelhança com o que aconteceu entre os anos 1950 e 1960. Com ataques sistemáticos ao sistema eleitoral e ao Supremo Tribunal Federal (STF), glorificação da Ditadura e seus carrascos, enfraquecimento e aparelhamento de Órgãos de Controle, entre diversas outras atitudes, a atual gestão federal leva o país, mais uma vez, lentamente ao abismo. O Brasil vive, neste exato momento, o seu maior desafio democrático dos últimos 35 anos e existe um risco real de ruptura institucional.

E qual o papel da Poli no meio disso tudo? Do alto dos seus quase 130 anos, tendo assistido a praticamente todo o período republicano brasileiro, a posição da Escola Politécnica tem uma relevância ímpar. Tanto no cenário interno à USP quanto no externo, tendo em vista a tradicionalidade e referência da Poli, seu posicionamento é um norte para outras

faculdades, podendo vir a ser um objeto de inspiração e de liderança no movimento estudantil.

O lema do município de São Paulo, que abriga a Poli, é *non ducor, duco* (do latim, “não sou conduzido, conduzo”). Esse provérbio sintetiza também, com clareza e precisão, algumas das missões da Escola Politécnica: conduzir os rumos da engenharia e ser liderança no país, seja em ensino, pesquisa ou na defesa dos preceitos constitucionais.

Logo, tendo-se em vista o cenário político nacional e a importância do posicionamento político, é necessário delinear a sua natureza esperada. Qualquer posição que não seja a defesa irrestrita e incondicional do estado democrático de direito, convertendo-se, ao fim, em apoio àqueles que querem transformar o Brasil em um regime totalitário.

Por fim, apesar de toda a tormenta que já enfrentou e que enfrentará, especialmente em um turbulento período eleitoral que se avizinha, o que se espera é que a Poli honre a sua história e não compactue com aventureiros que queiram tornar, novamente, o ar irrespirável.



poliglota
idiomas

MATRÍCULAS ABERTAS



INGLÊS



ITALIANO



ALEMÃO



FRANCÊS



PORTUGUÊS



ESPAÑHOL



poliglota
idiomas



(11) 96591-5785



POLIGLOTA.IDIOMAS

